



TEATRO E DIVERSIDADE SEXUAL: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA "CENA" URBANA

Rachel Macedo Rocha¹

Resumo: Nossa investigação visa refletir como o teatro quebrou e ainda quebra paradigmas para enfrentar os obstáculos dos muros resultantes da violência de gênero decorrentes de um fenômeno estrutural que vai além da violência física, bem como sobre a maneira de inseri-los no contexto econômico (entendendo-o como mercado de trabalho, de consumo e lazer) de uma sociedade pautada pela diversidade de gênero, raça e sexo.

Palavras-chave: Teatro, diversidade sexual, gênero, preconceito, discriminação.

“Todo preconceito é fruto da burrice, da ignorância, e qualquer atividade cultural contra preconceitos, é válida”²

Este trabalho tematiza trajetórias de vidas de cidadãos travestis e transexuais da cidade de São Paulo. A pesquisa consiste no desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade, CLAM/IMS/UERJ. Nesta comunicação serão analisadas 5(cinco) entrevistas coletadas no mês de julho de 2011, com travestis e transexuais acessadas através de grupos e instituição de ensino de teatro, por meio de entrevista exploratória.

Pretendo refletir sobre o papel das artes, notadamente o teatro, como instrumento de visibilidade de cidadãos LGBT's, no caso específico, travestis e transexuais. Que personagens são esses? como são (des)construídas suas histórias? Os relatos revelam as experiências com a prostituição, violência, ativismo, desemprego, as “desordens

¹ Advogada, Especialista em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ, Professora Conteudista do Instituto Virtual da Universidade Federal do Ceará. cassiel@uol.com.br

² Paulo Autran, in Homofobia – História Crítica de um Preconceito, Borillo, 2010.

psicológicas e físicas”, como relata uma das entrevistadas, e o encontro desses sujeitos com o teatro, seja no palco, seja em atividades profissionais relacionadas a essa arte.

Trabalhos como o de Rosa Maria Lobert(1979) e Newton Moreno(2001) tem revelado que, pelo menos nos últimos 40 anos, o teatro tem participado ativamente no debate das sexualidades na sociedade. Temas como: diversidade sexual, identidades de gênero, homofobia, homoerotismo, igualdade de gênero, AIDS, direitos sexuais e dignidade humana tem ocupado grande parte dos espetáculos em cartaz, muito além do eixo Rio/São Paulo.

Espero, assim, refletir sobre o potencial do teatro na contestação de paradigmas e códigos culturais que estigmatizam a diversidade sexual, e sua contribuição para interagir esses sujeitos no território urbano, particularmente travestis e transexuais que tem encontrado, nesta arte, um ambiente acolhedor de modo a inseri-las como cidadãs na sociedade, o que é observado em todos os depoimentos.

Os entrevistados residem na cidade de São Paulo e, apesar das origens e trajetórias de vidas bem diversas, apresentam pontos em comum: as tensões em busca de uma atividade remuneratória dentro das convenções habituais e o encontro com o teatro. Este encontro surge na vida dessas pessoas como a tábua de segurança que as mantêm sobre um rio de lama pelas quais a grande maioria já transitou.

Os depoimentos foram colhidos por meio de uma conversa informal, sem perguntas pré-estabelecidas. Os entrevistados foram orientados sobre o trabalho e sua divulgação. A exposição pública de alguns dos entrevistados, atores na cidade de São Paulo, possibilitou a identificação dos mesmos e foi autorizada por meio de termo de consentimento.

A indiferença ou ausência da família, a exclusão do ambiente escolar, as descobertas da adolescência e a difícil tarefa de sobreviver na sociedade, com exceção de Phedra de Córdoba, cujo contato com a arte se dá logo na infância, é presente na fala de cada um dos entrevistados. A maioria se origina de outras cidades do estado de São Paulo, de outros estados brasileiros e até mesmo do exterior, sempre em busca do encantamento que a cidade grande pode proporcionar em suas vidas.

Todos enfatizam as perspectivas de um bom emprego, de fazer uma carreira e de conhecer gente nova, na ilusão de que aqui tudo é muito mais fácil, ou menos conservador. É o que vai revelar Brenda, que saiu de sua cidade no interior do Ceará e chegou a São Paulo depois de inúmeras tentativas frustradas de emprego e de paixões pela capital cearense.

A militância, a prostituição, o desemprego são outras de suas vivências na metrópole. Todos afirmam que encontraram oportunidades de emprego e de cidadania ao serem apresentadas ao teatro.

Que arte é essa e como tem se dado a visibilidade desses sujeitos nos últimos anos e a interação desses cidadãos neste universo será o foco de nosso trabalho.

Identidade reinventada

Phedra nasceu Felipe Rodolfo Acebal, em 26 de maio de 1938, em Havana. Logo na primeira infância percebe que gosta de dançar. Protegida do pai nas constantes desavenças que tem com a mãe e uma irmã, que não aceitavam sua orientação sexual, encontra apoio do genitor e vai estudar dança. Aos treze anos vai estudar teatro. Já com dezesseis foge de Cuba e inicia uma série de turnês com uma companhia pela Europa, Estados Unidos e depois América do Sul. Numa dessas turnês conhece, em Buenos Aires, o produtor brasileiro Walter Pinto e vem para o Brasil em 1958, com quase 20 anos, fazer Teatro de Revista:

A minha grande paixão era o palco, com 13 anos já estava fazendo teatro amador. Naquela época, eu já entendia minha sexualidade, mas não poderia assumir, eu vivia em Cuba. Mesmo assim, nunca aceitei que me chamassem de travesti; para mim, era algo como menosprezo. Mas o termo transexual é algo que soa como canção, tem sílabas melódicas. Por conta do trabalho que iniciei, em 1953, com a companhia espanhola Cabalgata, estive no México, Venezuela, Estados Unidos, Porto Rico. Ao final da turnê, voltei para Havana. Lá, discuti com minha mãe, e resolvi que não ia morar com minha família. Fui viver na casa da Lupe, uma dançarina que era minha parceira de espetáculo. Nós duas formamos um grupo com uma peruana e uma espanhola. Fomos para o Panamá e nos apresentamos por uma temporada em um cabaré de luxo. Quando terminou o contrato, conseguimos um empresário espanhol que nos levou para Nicarágua, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, Colômbia, Peru e Chile. No fim, rompemos com o empresário porque ele nos explorava muito. Eu e a Lupe resolvemos fazer uma dupla: ‘Sevilla e Cordoba’. Em Cuba eu jamais poderia assumir o “transexualismo” na juventude. Havia muita repressão. Meus pais já percebiam que eu era diferente. Meu pai devia saber quem eu era, minha mãe, não. Ela nunca aceitou minha sexualidade. E, quando já estava no Brasil, decidi dar vida à mulher que havia em mim. E foi assim, Felipe deu vida a uma mulher que se chama Phedra. A Phedra nasceu assim como uma deusa mitológica, mas na vida real. A partir daí resolvi tomar hormônios e aos poucos fui me transformando.

Vim para São Paulo e foi quando conheci os fundadores dos Satyros, Ivam Cabral e Rodolfo Garcia Vasquez. Então, me convidaram pra estrear o espetáculo “A Filosofia na Alcova”, do Marquês de Sade. A Roosevelt é a minha casa. Aqui sou diva.

O teatro sempre foi meu ganha pão, a minha realização, o espaço onde eu era quem eu realmente sempre quis ser. Lutei muito para isso. Tenho muitos amigos no meio artístico. Não tenho dinheiro, mas vivo bem e feliz.”

A história de Phedra chama a atenção de inúmeros pesquisadores que transitam pela Roosevelt. Os Antropólogos Peter Fry e Edward MacRae (1985) relatam um episódio de nossa entrevistada em sua obra, *O que é homossexualidade?*, revelando que a Diva da Roosevelt já experimentava e tentava inserir o tema das sexualidades no palco no início do movimento LGTB.

O episódio nos ajuda a refletir sobre as complexas relações entre teatro e diversidade sexual. Fry e MacRae (1985) narram como a performance de uma travesti foi alvo de reações de repúdio por parte de integrantes do movimento homossexual nos anos 1980. Nesta performance, que teve lugar na festa de confraternização do primeiro encontro nacional de grupos homossexuais organizados no Brasil, a protagonista tentava seduzir um halterofilista indiferente a suas investidas.

Os militantes consideravam o espetáculo uma exibição de grotesco “machismo”, com vaias e expulsão dos atores do palco. Este acontecimento é interpretado por Fry e MacRae (1985) como indicativo de um descompasso entre a visão de mundo da plateia e a dos atores. A perspectiva supostamente igualitária defendida pelo movimento homossexual, naquela época, exigia afirmações de virilidade por parte dos homossexuais e desqualificava construções identitárias e condutas sexuais que evocassem qualquer tipo de “hierarquia de gênero”.

A intérprete vaiada e expulsa do palco pelos ativistas era Phedra de Córdoba.

Nos anos 1970, o humor, o deboche e as sátiras aos estereótipos de gênero e papéis sexuais da época já eram representadas no palco pelos Dzi Croquetes. O grupo, entretanto, não se colocava como porta voz de qualquer movimento que rotulasse a postura das interpretações, que tentasse classificá-los como andróginos, marginais ou transviados. Sem sucesso, a imprensa também insistia em classificar o espetáculo dentro de algum gênero artístico, (Lobert. 1979).

Tais intervenções, entretanto, não deixaram de contribuir para as reivindicações das minorias daquele tempo.

Para Lobert (1979), essas manifestações culturais, que emergem da contracultura - dentre eles os Dzi Croquetes³ - contribuíam com um novo discurso aos símbolos e aos

³ Grupo de atores/bailarinos brasileiros que interpretava shows irreverentes nos anos 70.

rótulos produzidos, até então, pela ciência positiva e, de certo modo, impulsiona o ativismo e uma nova agenda política.

E nesta agenda Phedra de Córdoba certamente não passou incólume, pelo contrário, aos 72 anos continua a ser personagens de uma vida real, reservando, a cada peça, um pedacinho de uma história que passa pelas relações conturbadas com a mãe e a irmã, as tensões da adolescência na busca de um projeto pessoal, tanto no sentido do prazer pela dança e pelo teatro que se entrelaçam ao seu projeto sexual, o de fazer teatro de mulher.

Em busca da estética radical

Leo nasceu Lourdes Helena. É ator, iluminador e estuda teatro na SP Escola de Teatro. Seu último trabalho foi na Companhia de Teatro Os Satyros, em Cabareth Stravaganza. A peça, vencedora do Prêmio Shell 2012, na categoria iluminação, desenvolvida por Leo, rendeu-lhe os recursos para realizar um grande sonho, a cirurgia de mastectomia e adaptar seu corpo ao que ele chama de sua real identidade.

Leo Moreira, entretanto, chama a cirurgia, a que será submetido brevemente, de "experiência estética radical".

Aos 53 anos, Leo/Lou sabe que esta é uma das condições para finalmente virar Léo Moreira de Sá. Esta, entretanto, é outra luta que ele precisa conquistar no judiciário, diante das exigências de redesignação de sexo para obter a sua identidade feminina.

Leo nasceu no interior de São Paulo, e desde a infância se vestia como os meninos de sua cidade. Adorava jogar bola, de shorts e sem camisa. Naquele tempo ainda podia se vestir como os colegas:

Um dia, acho que por volta dos sete anos, a mãe me fez vestir o uniforme escolar. Era uma saia plissada. Eu não queria usar aquilo. Mas minha mãe insistia. Dizia que eu era menina. E eu fui chorando pra escola. Era um menino numa roupa de menina.

O menino de São Simão foi para São Paulo viver como menina. Já aprovado no vestibular de ciências sociais da Universidade de São Paulo, Leo vira militante feminista e ingressa na banda punk, As Mercenárias.

A grande paixão de Leo será a travesti Gabriella. Com ela se casa como Lourdes e ela com o nome de origem, masculino. Mas, no ano de 2004, o casal é obrigado a se separar. Envolvido com tráfico de drogas Leo é preso e Gabriella vai morar na europa.

Após a experiência pela prisão, Leo decide procurar ajuda na Coordenadoria de Diversidade Sexual da Prefeitura de São Paulo. Orientado pelo órgão na busca de oportunidades, vai fazer oficina de teatro e conhece Os Satyros. Ali começa sua relação com o teatro e com o novo personagem.

Aqui eu me reencontrei. Fui bem recebido. As pessoas me respeitam. Estou estudando iluminação na SP Escola de Teatro. Saí da prisão apenas com minha carteira de identidade. Eles me acolheram e hoje atuo em *Hipóteses para o Amor e a Verdade*⁴ e sou assistente de iluminação. É aqui que quero construir Leo.

Ao mesmo tempo, Leo afirma que nem ele sabe ao certo quem é: “homem, mulher, transexual, o que eu sou? Acho que sou pós gênero.”

O relato de Leo nos revela uma vida da qual ele nunca se enquadrou. Esses rótulos, códigos e os símbolos marcados socialmente há séculos que hierarquizam relações de poder a partir da dimensão biológica de que o sexo distingue e define homens e mulheres, masculinos e femininos, a partir do sexo anatômico, não enquadrou o menino Leo/Lou, apesar das investidas da mãe.

Esse conceito naturalizado e determinado pelo corpo por muito tempo sustentou as diferenças entre homens e mulheres, prescreveu papéis de modo a adequar desde a infância o padrão azul e rosa e construiu comportamentos dóceis para as meninas e agressivos para os meninos.

Memórias silenciadas e os novos papéis

Luisa trocou a Argentina pelo Brasil aos 19 anos, deixando amigos, a família, amores, uma profissão que ela sonha e uma pátria.

Nasci nos anos 60, vim pro Brasil cheia de ilusões e planos. Ninguém deixa seu país pra fracassar e o preço que se paga é muito grande. Você deixa seus queridos, seu amor, seus costumes. Você vem pra conhecer outra cultura com a ideia de conhecer oportunidades e vê que as portas se fecham.

De origem ítalo-argentina, Luisa não tem nenhum parente. Estão todos mortos. Orfã de mãe conta que nenhum parente chegou a ver a sua transformação.

⁴ Hipóteses para o Amor e a Verdade, peça da Cia. de Teatro Os Satyros, com direção de Rodolfo García Vázquez.

Tem gente que diz que sou assim porque me transformei na minha mãe. Não tem nada a ver. Tem algumas meninas que até são aceitas pela família. O único problema é quando a família te põe na rua, aí fica o desamor e o desamparo da base de tudo que é a família. Pra sociedade não interessa de onde eu venho. A sociedade vive de aparências. Nós somos o lado mais baixo da sociedade. Nós não destruimos família, não matamos ninguém. Até um criminoso é mais valorizado pela sociedade. O crime do criminoso passa, nós não. A mentalidade humana é domada por religiões, é assim que é. A luta é fortíssima, e repito, temos a arte que nos ampara. Nós representamos o que? Sexo. Nós somos sinônimos de putaria, libertinagem.”, relata Luisa. A inclusão nossa na sociedade só vai se dar no âmbito artístico, e sabe por quê? Porque a sociedade nos vê como levianas, como prostitutas. O pedágio social que nós pagamos é caríssimo, inclusive de nossa família.

Para Luisa, travestis e transexuais não são aceitas porque ousam ultrapassar as barreiras e os rótulos. E até reconhece que algumas colegas conseguem um emprego. Para ela uma pessoa medíocre consegue não tem a menor dificuldade em conquistar um emprego numa disputa com uma travesti ou transexual qualificada.

A antropóloga Gayle Rubin, já nos prevenia que, se “é difícil para pessoas gays encontrarem emprego onde não precisem fingir, é duplamente ou triplamente mais difícil para indivíduos mais exoticamente” e, embora a autora reconheça que muita coisa mudou na sociedade contemporânea, aos desviantes não têm restado alternativas senão buscar novos cenários além das ocupações convencionais e de maior prestígio, (Becker 2009).

Eu me prostituí e volto a repetir, nossa oportunidade de sobrevivência é no meio artístico, e com muito cuidado. Eu estou vivenciando um sonho, jamais me imaginaria neste lugar, maravilhosamente.

Luisa já sofreu dois atentados contra a sua vida “e não foi trabalhando na noite como prostituta”. Porém, afirma que os dois casos tiveram conotação sexual.

Insiste que travestis e transexuais nunca estão seguras e despeja a sua emocional que contra a sociedade.

Você perdoa mais não esquece. Quando aparece uma coisa como esta, você acha que tá sonhando. No meu caso, aos 50 anos, se eu ficar aqui, posso vir a ter uma aposentadoria. Às vezes eu ouço: Porque você não vira homem outra vez? Tive carteira assinada aos 49 anos. Tenho medo de acordar e achar que estou num sonho.

Não me coloco numa posição de vítima, e sim de dentro da minha vida ser a protagonista da minha história. Você pode não ser um profissional da medicina, mas você pode estar no mundo da arte. Qual a opinião da sociedade a respeito dos negros, que ele pode ser um cantor, um

esportista. Eu rezo para que através do nosso trabalho, através da arte em geral, possa fazer que pelo menos futuras gerações de travestis e transexuais, tenham mais oportunidades. Um homossexual pode fazer sua vida, trabalhar e casar-se. Nós não, porque nenhum homem sai às ruas com nós, porque a sociedade nos condena. Homens casados me procuram, me procuram as escondidas, depois saímos do motel do mesmo jeito que entramos, ele não me pega na mão.

Formada na aeronáutica, aqui no Brasil, Luisa tem uma paixão especial pelo mundo da aviação. Concluiu o curso aos 26 anos no campo de Marte em São Paulo. Conquistou a carteira do Ministério da Aeronáutica, do Departamento de aviação civil. Mas nunca trabalhou na área. Destaca que o melhor dia do ano pra ela é o domingo aéreo no campo de Marte (dia da aviação).

Nesse dia eu me descontrolo, eu amo esse dia, o dia do ano talvez mais feliz para mim. Nem sequer o dia de meu aniversário é tão feliz como aquele dia. Eu espero o ano inteiro por este dia, me formei, tenho vários títulos, mais especialidades, pergunta se eu trabalhei na área? Eu não trabalhei. Você já viu uma travesti encima de uma aeronave? Mesmo que você demonstre atitudes brilhantes, talvez você tenha oportunidades em repartições públicas ou no mundo artístico.

Eu sempre trabalhei com migalhas. Um dia eu saí de um curso e eu não tinha dinheiro pra despesa em casa. Um senhor me cantou e fiz programa com ele. E com os 50 reais que eu ganhei lá no quarto do hotel, em 6 minutos, fiz minha despesa. Daí pensei: meu Deus! o empregado dele deve trabalhar o dia todo e ganha isso. Será este nosso papel? Eu gosto disso, não? Eu não tenho problemas em fazer qualquer trabalho. A TV até pouco tempo dizia: Ajude a quem já cumpriu a sua pena. Então, ele já cometeu a sua pena e quer trabalhar. E eu digo novamente: Qual o crime que nós cometemos? Quem quer trabalhar como prostituta, porque tem vocação e não se sente mal, dá o sustento pra ela, ótimo, tudo bem, mas e aquela que não quer, que estão se congelando numa noite de 5 graus, porque se não prostituir hoje, amanhã não come. Porque eu conheço um monte de meninas transexual e travesti que não querem se prostituir.

Hoje, frequenta, na medida do possível, o circuito cultural depois que foi trabalhar numa atividade relacionada ao teatro. Para ela, o artista é uma pessoa especial, com mente aberta, e que a arte tem proporcionado a elas perspectivas e oportunidades.

A religião castra o ser humano e o controla. Isso é um fenômeno cultural. O ser humano precisa de alguém que o controle. A arte se contrapõe. Mostra que nosso lado humano existe. Aí está a chave. A arte é a grande chave e nesta chave está a nossa salvação, quebrando as barreiras da intolerância e talvez nós sejamos aceitas. Quem sabe assim, as pessoas compreendem que não estamos violentando a sociedade.

Nem doença, nem perversão: a redescoberta de Brenda

Brenda Oliver nasceu em Icó, no Ceará. Trabalha na SP Escola de Teatro e atualmente está no elenco de *Satyros' Satyricon*⁵.

Eu sou de família religiosa evangélica, cresci com princípios bíblicos e fui criada nesse meio. Tenho 31 anos. Fui para a escola com 6 anos e sempre estudei em colégios públicos.

Brenda descobre já na infância que era diferente dos meninos de sua rua e da escola. Para ela aquilo que parecia normal, coisa de criança, era na verdade o desabrochar da sexualidade. Sentia prazer na companhia dos meninos ao mesmo tempo em que mantinha relações com os colegas:

O fato mais marcante da minha sexualidade foi numa festa do aniversário da filha de um pastor. Estávamos todos sentados na sala. Eu era inocente e sentei-me no colo de um primo, como sentava no colo de qualquer um e de repente eu senti que alguma coisa estava desenvolvendo entre as pernas dele. Eu devia ter em torno de 7 anos. Ele me levou pra casa dele e abusou sexualmente de mim. Não sei se foi isso que desenvolveu meu comportamento, a minha sexualidade. E assim foi até os 14 anos. Eu percebia que meus costumes eram diferentes dos outros meninos. Tiravam sarro de mim, faziam piadinhas que me chateavam muito. Ficava irritada, mas tinha relações com meus coleguinhas. Eu achava que era coisa de criança. Eu era mulher de todos os meninos.

Brenda descobre a sexualidade na adolescência. A irmã nunca permitiu que ela brincasse de casinha em sua companhia. A família a proibia de tudo, o que fez com que a adolescência fosse para ela, a pior fase de sua vida. A ausência dos pais marcaram muito este período, já que nunca conversaram com ela sobre a sua “diferença”, o que causava sofrimento e indecisão. Até o dia em que uma tia recomendou à mãe que a levasse para um psicólogo. Outra experiência difícil:

Tudo que ele me perguntava eu dizia sim. Meu medo era ele contar para minha mãe. Que ele revelasse a minha sexualidade para ela, já que minha mãe era homofóbica. Dizia que preferia ver um filho numa cadeira de rodas, do que virar mulher.

⁵ Peça da Cia. de Teatro Os Satyros em cartaz no Espaço do Satyros 1, Praça Roosevelt, 124, São Paulo - concebida a partir da obra do escritor romano Petrônio (27-66 d.C.). Dirigido por Rodolfo García Vázquez e com dramaturgia do cineasta Evaldo Mocarzel

Aos 18 anos decidiu sair de casa e foi morar com um tio. Foi então que passou a cuidar do pai da tia na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. O ambiente deixou Brenda encantada:

Achei muito legal ver que homossexual trabalhava na Santa Casa. Pensei que lá eu poderia arrumar trabalho. E foi o que aconteceu.

Na Santa Casa de Fortaleza Brenda foi trabalhar como telefonista. Em seguida, deixa a casa do tio e vai morar com uma prima da mãe.

Era como uma segunda família. Foi uma época boa. Eu ia com minhas primas pro forró e me sentia muito bem. Mas minha mãe não gostava que eu morasse lá, porque achava que aquele não era ambiente para mim, porque essa prima tinha um bar. Então eu fui morar com 3(três) rapazes evangélicos, mas eu mesma descobri que não era aquilo que eu queria. Eles eram rapazes e eu queria me transformar.

O processo de transformação de Brenda começa com a descoberta de uma praça próxima à Santa Casa, onde as travestis faziam ponto. Lá, ela começa a se sentir mais confusa com relação a sua sexualidade:

Eu achava tudo muito lindo. Elas não eram bonitas, mas eram o que eu queria. Daí um colega homossexual me sugeriu usar hormônio e meus seios foram crescendo e eu comecei a usar blusas folgadas no trabalho para ninguém perceber.

Nesta nova fase, já morando sozinha, passa a frequentar boates e se encanta com as performances das drags queen. O contato com a diversidade sexual faz com que ela fique em dúvidas sobre que papel quer representar, o de drag, transformista e outros. Até que um colega sugere para ela “montar”⁶. Para ela a rivalidade é o pior dos grupos. Além do preconceito que já sofrem na sociedade, o do meio em que vive é muito pior.

Brenda não entendia a hierarquia dos grupos, lésbicas de um lado, gays de outros, travestis e transexuais de outro ainda. Foi quando ela começou a se sentir excluída do grupo de amigos e seguiu um novo destino.

As decepções e a demissão no emprego fez com que Brenda, em 2002, viesse para São Paulo com a intenção de prostituir.

Depois de inúmeras experiências conturbadas pela capital paulista, com o uso de silicone e a prostituição, decide morar com a irmã, em Manaus. Até o dia que resolve voltar para a família.

⁶ Montar – expressão que surgiu do universo das travestis, montada é o homem que se veste de mulher.

Minha mãe chorou muito quando me viu de mulher, mas é minha mãe. Hoje ela vem me visitar. Para meu pai eu sou o filho dele, e hoje eu o respeito na sua decisão.

A volta para São Paulo imprime um novo olhar na vida de Brenda. A prostituição não mais lhe encanta. Decide arrumar emprego e procura ajuda no Centro de Referência da Diversidade – CRD. Foi encaminhada para o Centro de Combate à Homofobia e a Coordenadoria de Assuntos da Diversidade Sexual - Cads, da Prefeitura de São Paulo. Selecionada pela Cads foi indicada para trabalhar na SP Escola de Teatro.

Estou muito feliz de estar aqui na Escola. Aqui, vejo que tenho muitas chances e estou me redescobrando. Adoro atuar! Ainda mais em interpretações performáticas. Meu sonho é fazer teatro. Aqui eu fiz família, não me viram como um extraterrestre. Eles me devolveram a alegria de viver. Eu era muito solitária. Eu acho que referente aos cidadãos LGBTs, eles podem conseguir um cargo em qualquer empresa, pena que as empresas não estão preparadas pra isso, pra nos receber. Aqui é o diferencial e ela pode ser um ponto de partida para que haja incentivo para outras empresas. O teatro inclui independente de sexo. Se a pessoa tem talento ela é aceita lá. Eu acho que ainda faltam políticas públicas sociais de inclusão.

O sonho de Brenda é estudar Psicologia, fazer cirurgia de mudança de sexo e mudar o seu nome. Para ela, conhecer a experiência de vida das pessoas e ajuda-las a compreender quem são ou até mesmo tentar descobrir quem ela própria é, passa pelo sonho da Psicologia.

As desordens psicológicas e físicas e a homofobia invisibilizada

Junia morava no interior do estado de São Paulo. Ainda se sente uma imigrante na metrópole. Ativista do movimento LGBT, há aproximadamente 10 anos, afirma que já fez de tudo na vida. Só não matou e usou drogas. Profissional do sexo, atualmente trabalha num ambiente voltado para o teatro, mas afirma que uma vez profissional do sexo, sempre será profissional do sexo.

Começa a militar quando decide se assumir. Para ela, as tensões na família e no ambiente escolar são frutos da quebra com a ordem imposta.

A sociedade tem umas fórmulas impostas, ou voce é homem ou mulher, e a partir do momento que você se assume, você rompe com aquilo que esperam que você seja. Eu não me identifico como homem nem mulher. Eu sou travesti, num sou alguém que está no corpo errado. Eu decidi mudar. Eu mudei nome e roupas. Decidi tudo aos 16 anos. Fiz uma desordem total, isso pensando numa ordem imposta. E isso acarretou muita coisa na minha vida, as boas e as ruins.

Eu adorava estudar, mas não pude estudar, fui expulsa do colégio sob uma chuva de pedras. E não teve um professor ou diretor que viesse intervir. Isso me afastou da escola. Eles não conseguiram lidar com alguém que não é homem ou mulher. Você não é aquilo que a sociedade quer que você seja.

Foi na prostituição que começou a ter noção da hipocrisia da sociedade. Destaca que os clientes não são bandidos, ou pobres. Mas pessoas que tem dinheiro e que fazem programa na noite e depois sequer as olham na rua.

Então, você começa a achar que é uma pessoa errada. Eu corria da polícia, e pensava: mas o que eu fiz? Tenho marcas no corpo de borrachadas que levei da polícia, sem saber o motivo. Se eu tivesse morrido, hoje seria uma notícia de jornal e iam vincular a tráfico de drogas ou que eu tinha roubado cliente. E a pessoa que me esfaqueou foi apenas porque eu era travesti. Ele era hereto. Então pensei que eu queria mudar essa situação.

Numa participação na Parada Gay de São Paulo, Junia tem contato com a militância e decide mudar sua situação. Dedicada, percebe que é hora de cuidar de si própria e resolve procurar emprego em São Paulo. A militância ajudou a conquistar um espaço como palestrante, mas era preciso ir além e encontrar um emprego fixo.

Fui convidada para vir pra São Paulo, mas o emprego não rolava. Voltei para o interior e vinha com frequência a São Paulo. Procurei a CADS. E foi quando eu fui selecionada para trabalhar num local vinculado ao teatro. Eu acho que agora tudo está muito na moda, como a questão da transexualidade. Esse destaque dessas pessoas que são celebridades, daí a sociedade começa a discutir. Eu vi a peça Luis Antonio-Gabriela⁷ que me emocionou, era a nossa história ali, a peça revela um debate real da vida das travestis e transexuais. Ela dá uma grande visibilidade a esse debate.

Por exemplo, no que acontece com as políticas públicas, a continuidade é sempre uma preocupação. Aqui, há essa preocupação de ter um projeto que acolha travestis e transexuais, mas e quando essas pessoas saírem daqui, como fica? No caso das cotas, eu não acho que é ruim, pois ela faz um diferencial. E isso deve ser publicizado e copiado, pois vai criando perspectivas até ter um momento que as pessoas não vão ser discriminadas em outros espaços públicos.

Junia afirma que a grande saída para mudar a sociedade é a educação. Indica que escola deve educar para a diversidade de um modo geral, e não apenas para a diversidade sexual, porque não existe ninguém igual.

⁷ Luis Antonio-Gabriela, de Nelson Baskerville e Verônica Gentilin, com a Cia. Mungunzá de Teatro e direção de Nelson Baskerville.

As pessoas são gordas, magras, negras, brancas, altas, baixas e etc. E isso tem de ser dialogado na família, na escola e em todos os espaços.

Trabalhar num espaço voltado para a arte ampliou o seu leque de amizades, suas redes de contatos e de identificações.

Por exemplo, hoje vou muito mais ao teatro. Eu parei pra prestar mais atenção em relação às atividades culturais, além de ter conhecido muita gente bacana, pessoas que eu fico me perguntando, onde estavam essas pessoas? e este é o grande diferencial da minha vida.

Para Junia, a militância serviu para mostrar ampliar o conhecimento e exigir direitos e cidadania. Faz críticas ao uso do nome social, pois para ela não adianta ser chamada de um nome e continuar a ser observada com os olhares preconceituosos da sociedade.

Porque eu não posso mudar o meu registro?eu acho que a luta da militância deve ser no sentido de mudar o pre nome e não nome social, pois, ou eu existo ou não existo.

Considerações finais

As narrativas de Phedra, Leo, Luisa, Brenda e Junia me revelaram durante as entrevistas pontos comuns nas relações afetivas, econômicas e sociais. Um desses pontos comuns, a prostituição, é um estigma que merece destaque em relação às travestis, “que não é regra, nem essência do travesti”, (Silva e Florentino. 1996). Mesmo que grande parte transite no mundo da prostituição, o autor observa que, neste caso, trata-se de fonte de renda, já que as barreiras apontadas pelo mercado de trabalho são inúmeras, restando-lhes tão somente ocupações de menor prestígio.

Observa-se na fala desses sujeitos a sensação de que a sociedade tenta amoldá-los desde a infância. A discriminação acaba por isolá-los a um estado de anomia e anomalia como de cidadãos de segunda categoria.

Os discursos das tensões e das experiências que expõem as marcas das movimentações desses sujeitos e as adversidades decorrentes das desestabilizações das normas e rótulos da sociedade expõem processos de exclusão que vão além do papel sexual de cada um. Phedra, por mais que tenha encontrado a arte ainda na pré adolescência, vivenciou situações desfavoráveis tanto quanto Brenda que veio do interior do Ceará.

Como atores da sociedade contemporânea nossa contribuição, ao explorar o universo das manifestações culturais, se pauta no desenho de um novo caminho com vistas à desconstrução de visões influenciadas pela sociedade hegemônica heterossexista que, ainda neste século, concebe verdades em nome de um poder-lei, poder-soberania tão bem traçados lá atrás pelos teóricos do direito e instituições monárquicas, (Foucault. 1988).

Desse modo, ao explorar o trânsito desses sujeitos no mundo do teatro, nosso trabalho sugere caminhos que estão incluindo e acolhendo travestis e transexuais como cidadãos detentores de individualidades próprias e comuns.

O teatro tem contribuído para este debate nos últimos 40 anos, indica Moreno (2001), e faz surgir uma cultura que neste novo século amplia o tema das sexualidades, sugerindo que a tragédia e a comédia podem ser porta vozes de temas ainda travestidos e ou silenciados em outras instituições, como a escola, a família, a igreja e a ciência.

BIBLIOGRAFIA

BECKER, Howard S. Outsiders – Zahar Editora – 2009

BORRILLO, Daniel Homofobia – História e crítica de um preconceito – Autêntica Editora, 2010, pag.107.

FOUCAULT, Michel História da Sexualidade v.1 Vontade de Saber, 20ª reimpressão, Edições Graal Ltda, 2010

ELIAS, Norberto e SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e Os Outsiders, Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1994.

Fry e MacRae. O que é Homossexualidade? Coleção Primeiros Passos, Abril Cultural/Brasiliense. 2001

GOFFMAN, Erving, Estigma . Editora LTC, 4ª edição 1988

LOBERT, Rosa Maria, A Palavra Mágica Dzi: Uma Resposta Difícil de se Perguntar - a vida cotidiana de um grupo teatral, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Dissertação (mestrado) 1979.

MORENO Newton, A Máscara Alegre: Contribuições da cena gay para o teatro brasileiro, www.eca.usp.br/salapreta/PDF02/SP02_042_moreno.pdf acesso em 13 de agosto de 2011.

RUBIN, Gayle - Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Racional das políticas da Sexualidade.

Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.com> acesso em 24 de março de 2011.

SILVA, Helio R.S. e FLORENTINO, Cristiana de Oliveira. A Sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In http://clam.tempsite.ws/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=805.

WEBIBLIOGRAFIA

<http://www.spescoladeteatro.org.br/curiosidades/09.php> acesso em 01 de julho de 2011